



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Usina de Biodiesel Soyminas**

Cássia-MG, 24 de março de 2005

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e
Energia,

Meu querido companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento
Agrário,

Meu querido amigo Clésio Andrade, vice-governador do estado de Minas
Gerais,

Meu caro senador Hélio Costa, senador pelo estado de Minas Gerais,

Meu caro deputado Carlos Melles,

Deputado Odair Cunha,

Deputado Geraldo Thadeu,

Senhor Donizete Vilela, prefeito de Cássia,

Senhoras e senhores prefeitos, aqui, do Sul de Minas e de outras
regiões do estado de Minas Gerais,

Senhor Silvio Crestana, diretor-presidente da Embrapa,

Senhores e senhoras parlamentares,

Vereadores,

Secretários,

Senhor Arthur Augusto Alves, proprietário da Soyminas Biodiesel,

Senhoras e senhores secretários de Estado do governo de Minas
Gerais,

Senhor Sérgio Cavalieri, presidente da Distribuidora ALE,



Senhoras e senhores produtores e representantes das associações de agricultores da região de Cássia, do Médio Rio Grande e da Baixa Mogiana,
Senhor José Cerbone Toledo, vice-presidente da Biobras,
Meus amigos, minhas amigas,
Meus companheiros, homens e mulheres de Cássia,
Companheiros jornalistas,

Eu queria, primeiro, que todos vocês que estão aqui presentes, e sobretudo a imprensa brasileira, anotassem nos seus rascunhos, nos seus cadernos e na sua memória, o que está acontecendo na cidade de Cássia, em Minas Gerais, no dia 24 de março de 2005.

Possivelmente, muitos de nós, não tenhamos a grandeza de enxergar os próximos dez anos. Muitas vezes, a nossa mente só começa a pensar até amanhã ou até depois de amanhã ou, no máximo, no próximo ano.

E eu quero que todo mundo marque, guarde o que pode acontecer com o Brasil, daqui a dez anos, com o programa do Biodiesel.

Na verdade, nós estamos fazendo mais do que um programa de Biodiesel, nós estamos fazendo muito mais do que apenas produzir uma nova matriz energética. Nós estamos fazendo muito mais do que apenas gerar organizações de trabalhadores em cooperativas, ajudar a agricultura familiar ou ajudar pequenos e médios empresários do campo. Muito mais. Nós estamos dando um sinal ao mundo de que, num futuro bem próximo, o petróleo não será motivo para que haja guerra no mundo ou para que um país consumidor invada um país produtor.

Nós estamos dizendo ao mundo que é plenamente possível a gente produzir combustível de uma fonte renovável; portanto, nós vamos plantar e colher, que nunca findará; nós não corremos o risco de que um dia uma bomba não possa mais extrair o petróleo das profundezas do mar, como nós fazemos hoje. Mas que a gente possa, nos campos verdes de Cássia, no semi-árido



nordestino, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, ou em qualquer rincão deste país, ter um produtor plantando biodiesel; que possa ter um produtor sobrevivendo às custas de um produto fabricado por ele, por sua mulher, pelos seus filhos e industrializados na sua cidade; e o mundo vai reconhecer que o Brasil é, incomparavelmente, o único país do mundo que tem as melhores condições, porque aqui nós temos terra boa para a agricultura, sol farto, fotossíntese, aqui nós não temos terremoto, não temos maremoto, não temos furacão, não temos neve, ou seja, aqui nós temos o que a agricultura brasileira e o mundo precisam para plantar o biodiesel e fazer disso uma grande fonte de enriquecimento do nosso povo, do nosso país e, porque não dizer, de outros países pobres.

A inauguração da Usina de Biodiesel da Soyminas aqui em Cássia, na nossa querida Minas Gerais, é um exemplo econômico, é uma lição política a ser aprendida e multiplicada. Poucas vezes na nossa história pudemos ver o que estamos presenciando aqui, um programa de governo vindo à prática de forma tão pedagógica e promissora, pois nós sabemos o quanto é difícil tirar uma idéia do papel.

E aqui vou abrir um parêntese. Eu me lembro que ainda no mês de junho, mais ou menos, ou julho de 2003, o companheiro Roberto Rodrigues entrou na minha sala e falou para mim: “Presidente, eu queria discutir com o senhor a questão do biodiesel, que eu acho que pode ser uma grande solução para o país.” Eu, achei a idéia boa, marquei uma reunião com a ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, com o Roberto Rodrigues, com o ministro da Ciência e Tecnologia e outro ministério, para criar uma comissão para construir o programa do Biodiesel, porque é mais difícil fazer do que falar, é mais difícil a gente começar do que planejar, tornar uma teoria em coisa prática é um pouco mais complicado, sobretudo, quando falamos de combustível.

Por quê? Porque na hora em que nós tomamos a decisão de transformar o biodiesel em combustível e fazer com que ônibus, caminhões, tratores, e, se



Deus quiser, muitas locomotivas neste país – porque nós estaremos recuperando as ferrovias brasileiras – comecem a utilizar o biodiesel, nós precisamos garantir a distribuição. Para garantir a distribuição é um trabalho muito grande, por isso é preciso a BR, é preciso a Petrobras como parceira, porque é preciso toda uma infra-estrutura para distribuir o combustível no Brasil inteiro e, quanto mais crescer o consumo, mais aumentará a nossa responsabilidade de não permitir que um brasileiro ou uma brasileira que queira colocar biodiesel no carro, em qualquer lugar do Brasil, não possa colocar.

Então, é muita responsabilidade a gente fazer com que o programa do Biodiesel tenha uma dimensão nacional e possa se transformar num combustível definitivo para o Brasil. Se isso acontecer nós vamos ganhar muito porque o Brasil importa hoje, praticamente, 2 bilhões de dólares de petróleo. Embora nós sejamos quase auto-suficientes porque produzimos quase tudo que consumimos, a verdade é que nós precisamos comprar petróleo para extrair o diesel do petróleo. Então, nós temos que gastar 400, 500 milhões para ter o diesel suficiente para o nosso produto; um diesel que é poluente, quando você liga uma caminhonete a diesel você vê o fumaceiro que faz, aquilo é muita poluição. Com o biodiesel não, com o biodiesel você vai respirar um pouco daquilo que está acostumado a ver, ou seja, um produto que você plantou.

Teve um companheiro aqui, o prefeito de Varginha, o Mauro, um fanático pelo biodiesel, que me disse, há uns seis anos, que ia produzir biodiesel de café. Eu disse que, por enquanto, era melhor vender o café no mercado internacional do que produzir biodiesel, mas de qualquer forma é uma coisa que, quando o café cair... eu espero que não caia mais o preço do café. O Zezão de (inaudível) é plantador de café e se cair o preço ele está “desgramado”, e aqui é importante lembrar, eu estou falando de biodiesel, mas em 2003 o café estava a 34 dólares a saca e hoje já está quase a 117; e se Deus quiser, nós sonhamos com uma certa estabilização, mas para isso nós



temos que ser profissionais e todos nós, governo e produtores, estamos convencidos de que nós precisamos parar de agir como agíamos há 50 anos. Nós precisamos transformar o nosso café em produto com maior valor agregado, industrializá-lo aqui e exportar a coisa mais cara, a coisa mais importante, para gerar mais divisas para o nosso país.

Bem, então, de uma pequena conversa, surgiu este que eu acho que é o grande projeto do Norte do país.

Eu queria que os produtores mais velhos se lembrassem do que aconteceu na década de 70 com o açúcar. Todo mundo sabia, Roberto Rodrigues é especialista nisso, que o Brasil chegou a vender o açúcar a 1.200 dólares a tonelada. Todo mundo plantou cana no Brasil. E, de repente, a cana, que valia 1.200 dólares a tonelada, baixou para 200 e poucos dólares a tonelada. E aí, o que é que vai se fazer com a cana? Aí, criou-se o Proálcool, que na década de 90 atendia praticamente 90% da frota de carros produzidos no Brasil; de repente, parou-se de fabricar carro a álcool no Brasil. Com o açúcar desvalorizado, o álcool já desvalorizado porque não tinha consumo. Então, o que nós fizemos? Eu acho que em poucos momentos da história do Brasil os produtores de álcool tiveram tanta certeza, como eles têm agora, de que o governo está tratando o álcool com seriedade, porque a indústria automobilística voltou a produzir carro a álcool e o Brasil, certamente, poderia exportar mais gasolina, mais petróleo, e a gente poderia utilizar mais álcool e mais biodiesel porque iríamos gerar mais riquezas, mais empregos no Brasil, haveria mais gente morando nas pequenas e médias cidades brasileiras e não teríamos o inchaço das grandes cidades, como temos hoje.

Então, tiramos isso como lição e vamos começar com o biodiesel, já corrigindo os erros que aconteceram. Estamos começando pequenos. Estamos começando com 2% do biodiesel nos motores de tratores, carros, caminhões, ônibus. Certamente, eu sou mais otimista do que a Dilma, muito mais otimista, e daqui a alguns anos não precisaremos ter carros à gasolina. Poderemos,



também, ter carros movidos a biodiesel neste país. Vamos economizar divisas, dinamizar a agricultura brasileira, gerar muito mais empregos, distribuir muito mais renda e vamos perceber que o ar estará mais gostoso de se respirar porque não terá tanta poluição sendo jogada no ar pelo óleo diesel comum, que nós conhecemos.

Agora, eu penso que é mais do que tudo isso. Sabemos o quanto é complexo garantir uma política de desenvolvimento que preserve, na sua identidade, a delicada travessia da teoria para a prática. Esse é um desafio fantástico, porque quem é governo sabe que não faltam boas idéias. Eu, pelo menos, recebo 200 novas idéias por dia; acho que cada ministro recebe outras 300. Em cada lugar que a gente chega tem um monte de gente colocando idéia na cabeça. Agora, na hora em que você tenta transformar essa idéia em prática, aí é que é duro. É a mesma coisa que um médico diagnosticar uma doença em uma pessoa. Entre o diagnóstico e a cura, haja remédio para curar, haja dor de cabeça, haja paciência. Agora, no nosso caso, graças a Deus, o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel está enfrentando esse batismo de fogo, amparado em uma convergência de forças exemplarmente reunidas aqui neste município.

Trata-se de uma cuidadosa articulação de parcerias, na qual cada um faz com esmero a sua parte: a prefeitura, as empresas privadas, o governo federal e a agricultura familiar. É isso que renova a minha certeza de que o biodiesel é uma importante alavanca para superar o grande desafio brasileiro deste século: promover maior equilíbrio entre a eficiência produtiva e o desenvolvimento social. Não há fórmula contábil que faça isso por nós. O verdadeiro desenvolvimento requer um projeto social que o conduza, e esse projeto tem que ser pactuado nas bases da sociedade. Esta, na verdade, é a grande demanda da nossa geração.

Queremos erguer uma sociedade de compromissos, onde os valores e os objetivos sejam compartilhados. É preciso que o desenvolvimento seja



solidário e tenha os seus frutos repartidos.

Esta é a diretriz que orientou o governo ao criar o programa de Biodiesel. E é ela que foi transformada em realidade neste município, com a construção de uma ampla parceria público-privada.

Num mesmo projeto, conseguiu-se a associação entre uma fronteira de ponta do desenvolvimento, a energia renovável, e uma força secularmente esquecida na história brasileira, a agricultura familiar.

Hoje, o biodiesel já beneficia 200 famílias em Cássia; na próxima safra serão duas mil; em três anos, oito mil pequenos agricultores estarão integrados ao projeto. O resultado disso tudo é fácil de prever: a multiplicação da renda, do emprego, do bem-estar e da cidadania, aqui e em mais vinte e cinco cidades do entorno.

Meus companheiros e minhas companheiras,

A lição da experiência que estamos tendo aqui em Cássia é muito clara: para evitar os desequilíbrios que podem acompanhar os processos de crescimento, o método é tão importante quanto a meta. O “como fazer” muda a qualidade do que se faz.

Ao investir na agricultura familiar como estratégia de desenvolvimento econômico e social, o município facilitou sobremaneira a articulação com o governo federal e com a iniciativa privada. O resultado foi a criação de um arranjo produtivo local que vai agregar 9 milhões de reais por ano à economia do município.

Cássia não deve ser vista como um caso isolado. O Brasil tem mais de 33 milhões de pessoas na área rural. Em termos absolutos, nunca houve tanta gente vivendo no campo brasileiro. É quase uma Argentina inteira trabalhando na terra, sendo que 80% das propriedades são, no máximo, de até 100 hectares. É impensável, portanto, não existir uma política para este setor nas esferas municipal, estadual e federal.

No nosso governo, a agricultura familiar conta com uma política de



desenvolvimento que, para nós, é tão importante quanto a política industrial, a política científica ou a política de exportações.

Estamos construindo um Brasil mais forte e justo, no qual os pequenos produtores e suas famílias possam olhar a terra e dizer: “Vale a pena semear e colher neste país”.

O programa de Biodiesel se estrutura em três pilares. É um programa de combustível verde, de energia renovável, limpa, pois substitui o diesel originado do petróleo. É um Programa de inclusão social porque permite que regiões menos desenvolvidas do país obtenham, através da agricultura familiar, benefícios de uma atividade econômica permanente, que gere renda e emprego com a produção de dendê, mamona, girassol e nabo forrageiro. É um Programa de desenvolvimento econômico, pois substitui as nossas importações de diesel, poupando divisas e abrindo perspectivas de exportações. É um Programa, hoje, voltado para a agricultura familiar, mas que com sua ampliação, poderá e deverá incorporar a agricultura brasileira empresarial de larga escala.

Sonho em ver este Programa transformando a nossa realidade econômica e social, e dando ao mundo mais um exemplo de combustível renovável.

Meus amigos, meus companheiros da Soyminas, da ALE,

Meus caros prefeitos aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas de Cássia,

Eu comecei dizendo que vocês marquem a data de 24 de março de 2005. E daqui a dez anos, sendo presidente da República quem quer que seja, neste país, vocês estarão ouvindo falar do Biodiesel porque esse não é um programa do governo Lula, não é um programa da ministra Dilma, do ministro Roberto Rodrigues, do prefeito de Cássia ou da Soyminas. O Biodiesel é um programa de uma nação chamada Brasil e de 180 milhões de brasileiros, que será produzido em todo o território nacional.



Até o mês de julho, teremos a inauguração de plantas em alguns estados. No Pará, por exemplo, já era para termos inaugurado, em fevereiro, a utilização de 2% de biodiesel nos ônibus de 65 municípios. Houve um atraso porque as máquinas não ficaram prontas no momento certo. Mas nós temos o Rio Grande do Norte, Piauí, Pernambuco, Mato Grosso, Bahia, tem vários estados em que, até julho, nós iremos inaugurar plantas de biodiesel.

A Petrobras vai se encarregar da distribuição disso na maioria dos estados brasileiros e temos a certeza de que o que nós plantamos hoje aqui em Cássia vai ser uma planta, primeiro, tão bonita quanto a planta que deu o nome a esta cidade, essa árvore maravilhosa de flores amarelas que a Dilma não conhecia; e eu precisei ensinar para ela o que era um pé de cássia, ela precisou aprender comigo o que era isso, porque tudo que é amarelo pensam que é ipê. Eu falei: não, é cássia, é por isso que o nome da cidade é Cássia. Não fui eu não, foi o Roberto Rodrigues que nos ensinou isso.

Da mesma forma que esta cidade tem a origem do seu nome numa planta bonita como essa, você pode ter certeza de que esta mesma Cássia que leva o nome de uma planta bonita acaba de plantar hoje uma semente que vai se transformar numa planta maravilhosa, numa planta chamada biodiesel, a energia que definirá a independência definitiva do nosso Brasil.

Muito obrigado e até outro dia, se Deus quiser.